

Trnio's

Rafael Pinho

Descalvado

2014

“O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.”

Eça de Queirós

Todos os fatos, personagens e locais aqui
apresentados são ficcionais.

*Dedico esse livro à pessoa que me fez continuar o
que eu sempre quis fazer.*

*E, além dela, dedico esse livro também a Quentin
Tarantino.*

Sumário:

Ficção(?) – página 9

Cachorro Treinado – página 20

Fenômeno Diário – página 22

Lábio e Sangue – página 25

Sem correntes – página 27

Horário Livre – página 29

Oito e Dezesete da Noite – página 31

Telefone no Armário – página 33

Vidas Vividas – página 36

O Fusca – página 39

Ultimas Plvras – página 44

Ovô – página 46

Epílogo – página 49

Ficção (?)

PARTE 1 - APARTAMENTO 1

Três e meia da manhã de um sábado. Um homem caminha lentamente por uma rua longa e pouco movimentada. Os pequenos prédios cinzas estão dormindo, algumas luzes, porém, estão acesas em espaços de tempo prolongados, um carro atrapalha o silêncio da rua, mas logo some no escuro. As ruas asfaltadas possuem pequenas irregularidades, o único semáforo da rua está quebrado, produzindo periodicamente uma luz amarela que ilumina o asfalto. A calçada é irregular, feita de pedras formando pequenos mosaicos. Em vários trechos, há falta dessas pedras, formando verdadeiros buracos.

As luzes dos postes de energia estão em grande parte apagadas, fazendo com que a luz das estrelas seja visível do solo. A Lua se destaca na escuridão, com um brilho amarelo que impressionaria qualquer um.

Mas o homem não se importa com tal fato. Apenas anda calmamente, a passos largos, em direção ao seu destino. Possui cabelos negros na altura dos ombros, contrastando com a cor extremamente clara que possui seu rosto. Veste um terno talvez dois números maior que o seu, da mesma cor do cabelo, e uma calça da mesma cor do terno. Por baixo, uma camisa que um dia já fora branca pode ser vista, combinando com a cor proferida pelo semáforo periodicamente.

Seu nome é Cláudio. Não sou capaz de lembrar seu sobrenome. Pertence à polícia civil da cidade de Ribeirão Preto. Seus olhos negros como seu cabelo conseguem esconder a dor pela qual passa. Seus passos são lentos. Em sua mão, um cigarro queima, produzindo uma fumaça branca, que se mistura ao escuro da rua.

A figura finalmente chega ao destino. Um prédio como qualquer outro da periferia de Ribeirão Preto, porém com todas as luzes acesas àquela hora da noite. Cláudio para em frente ao local. Seus olhos navegam por toda a fachada. Nada de mais. Caminha lentamente até a portaria. O porteiro não está. Aperta o interfone. Uma voz rouca diz:

- Quem é?

- Polícia civil. Fui chamado até aqui.

- Protocolo?

- Dezoito, quarenta e oito.

A voz se anima:

- Até que enfim, Cláudio. Porra, achei que você nunca ia chegar!

O portão de ferro se abre. O enviado joga o cigarro no chão e pisa. Em seguida, começa a subir as escadas de cimento até o terceiro andar.

O local é claustrofóbico. As paredes cinzas refletem a pouca luz que as lâmpadas baratas produzem. Não há janelas. O ar é extremamente quente. Cláudio sobe os degraus um por um, sem nenhuma expressão.

Chega ao terceiro andar. Entra no corredor, mais quente que a escada, mais escuro que a rua. Caminha até a porta do apartamento vinte e cinco, que está aberta. Na porta, uma figura um pouco mais morena o espera. Roberto Ângelo, aproximadamente da mesma idade que Cláudio, possuía cabelos raspados, estrutura forte e olhos castanhos. Vestia a mesma vestimenta que o colega de profissão, com exceção de uma camisa realmente branca, com algumas manchas vermelhas no terno.

A luz do apartamento é forte, iluminando o rosto de Roberto. Seus olhos são castanhos, não tão pretos quanto os do parceiro. Seus dentes são extremamente brancos, fruto de um clareamento mal sucedido.

- Caralho, achei que você não ia chegar, filho da puta.

- Bom, eu tô aqui.

- Veio até aqui caminhando?

- Minha casa é aqui perto, esqueceu já?

- Filho da puta...

- O que aconteceu?

Roberto se afasta lentamente de Cláudio, abrindo caminho para que este entre e veja o interior do apartamento. Uma televisão está ligada, porém, sem sinal, só produz ruídos e uma luz. No entanto, essa é a única parte intacta do apartamento. No chão, alguns pedaços de madeira quebrada se unem ao que sobra de vidro. Ambos restos mortais de uma mesa de jantar. O sofá que jaz em frente à TV está totalmente rasgado. A porta, disposta do outro lado da sala, com um buraco grande no centro e vários periféricos.

A parede está repleta de buracos. A pintura branca da mesma é interrompida por um vermelho altamente nítido, além de sombras dos tais buracos. A luz estava acesa, porém a lâmpada se sustenta pendurada por um só fio. No centro, um homem negro permanece deitado, imóvel. Sua